

RESUMOS

Fr. Paulo da Trindade, O.F.M., Cronista Macaense

Este estudo em torno de um dos mais importantes cronistas nascidos em Macau, Fr. Paulo da Trindade (c. 1570-1651), franciscano, pretende acima de tudo recordar e dar a conhecer um dos autores menos abordados da historiografia portuguesa e, em particular, do espaço ultramarino luso. Autor de uma das mais importantes publicações relacionadas com a actividade missionária portuguesa, franciscana no caso, no mundo oriental, Conquista Espiritual do Oriente, este filho de Macau distinguiu-se pelo seu zelo missionário a par de uma busca constante de referências e informações relacionadas com a presença dos franciscanos na Ásia portuguesa, para a qual é a mais avisada fonte. O cronista, mas também o missionário, o polemista, o frade, eis algumas das linhas orientadoras deste estudo de matriz histórico-biográfica de um preclaro e distinto “filho da terra” da Cidade do Santo Nome de Deus de Macau.

[Autor: Vítor Gomes Teixeira, pp. 6-15]

Macau in Samuel Purchas' *Hakluytus Posthumus, or Purchas His Pilgrimes* (1625)

Em 1625, o geógrafo inglês Samuel Purchas (c. 1577-1626), discípulo de Richard Hakluyt, publica a antologia de relatos de viagem *Hakluytus Posthumus, or Purchas His Pilgrimes*, estudando o presente artigo a representação de Macau, da presença portuguesa, holandesa e inglesa na China meridional e no Japão nesse material europeu, bem como a rivalidade entre ingleses, portugueses e holandeses nessas mesmas paragens até à segunda década do século XVII.

[Autor: Rogério Miguel Puga, pp. 16-41]

A China de Domingo Fernández de Navarrete

A importância do intercâmbio cultural que representou a presença dos missionários jesuítas na China entre os séculos XVI e XVIII não deve fazer com

que esqueçamos os contributos dos missionários de outras ordens religiosas. Dominicanos e Franciscanos descreveram e compilaram conhecimentos sobre a China, traduziram clássicos chineses, redigiram gramáticas e dicionários da língua chinesa, assim como produziram obras evangélicas em chinês. Entre as contribuições da segunda metade do século XVII avulta a obra do dominicano Domingo Fernández de Navarrete. Depois de doze anos na China, escreveu diversos livros de que se destaca *Tratados historicos, politicos, ethicos y religiosos de la monarchia de China* (1676), uma obra muito ambiciosa, que oferece uma visão panorâmica dos conhecimentos do seu tempo sobre a China, ao mesmo tempo que produz uma síntese crítica das reacções iniciais ao confucionismo na Europa, com a chegada das primeiras notícias sobre o “neoconfucionismo”. Domingo Fernández de Navarrete coloca todo o seu empenho de compilação, observação e argumentação crítica ao serviço das posições contrárias à estratégia de acomodação aos ritos chineses propugnada pela Companhia de Jesus.

[Autor: Manel Ollé, pp. 42-54]

A Descrição da China de Fr. Jacinto de Deus

A obra de Frei Jacinto de Deus, *Descrição do Império da China, Precedido de algumas notícias sobre os Conventos de S. Francisco e de Sta. Clara em Macau, Excerto do Vergel de Plantas e Flores da Província da Madre de Deus dos Capuchos reformados da Índia Oriental*, foi publicada em Hong Kong no século XIX (1878). Para além de muitas informações referentes a Macau e à história da Ordem dos Franciscanos, bem como à missionação no século XVII e ainda descrições da China e costumes chineses, bem como referências ao Japão, Malaca e Cochinchina, além da missionação franciscana, em especial. Está dividida em duas partes, uma, sobre a acção da Ordem dos Capuchos (Franciscanos), a outra, com uma descrição detalhada do Império da China e do seu governo.

[Autor: Leonor Diaz de Seabra, pp. 55-69]

François Caron e a sua *Descrição do Japão*

A vida de François Caron (1600-1673) é uma das mais notáveis da sua época. Iniciou a sua carreira como ajudante de cozinha a bordo de um navio da Companhia Holandesa das Índias Orientais (VOC) e rapidamente conseguiu chegar ao topo. Tornou-se num dos homens mais poderosos da Ásia, devido à sua dedicação, atitude diplomática e vasta experiência no Japão. Aqui protegeu os holandeses da expulsão durante os turbulentos anos em que a dinastia Tokugawa não somente reorganizou o sistema administrativo, como também perseguiu os cristãos japoneses e os católicos europeus, culminando no *sakoku*, o isolamento completo do Japão face ao resto do mundo e o controlo total do país. Várias irregularidades financeiras fizeram com que Caron abandonasse o seu alto posto administrativo em Batavia, o centro da VOC no sudeste asiático. Ofereceu então os seus serviços aos franceses, que tentavam ganhar o seu quinhão do ainda bastante rentável comércio asiático. Acabou por vir a liderar a Companhia Francesa das Índias Orientais, mas morreu quando o navio que o levava para a Europa naufragou durante uma tempestade. Caron deixou um livro, *Beschrijvinghe van het machtigh Coninckrijk Japan* (Descrição do Poderoso Reino do Japão), que surgiu em 1645. Constituiu a melhor descrição de um país asiático, e especialmente do Japão, antes da *História do Japão*, de Engelbert Kaempfer (1725-1727). Este pequeno livro não se baseia em considerações teóricas, mas em observações concretas do próprio Caron. Embora Caron não fosse um intelectual com formação académica, o seu livro descreve em grande pormenor as condições da vida quotidiana, bem como a estrutura estatal e os comportamentos morais e éticos dos japoneses. As suas informações eram absolutamente fiáveis em virtude da sua longa experiência pessoal e foi devido às suas excepcionais qualidades

RESUMOS

que a *Beschrijvinghe* foi traduzida para várias línguas europeias, mantendo a sua relevância até ao século XVIII.

[Autor: Detlef Haberland, pp. 70-85]

Andreas Everardus Van Braam Houckgeest, ou as Aventuras de um Holandês na China

O holandês Andreas Everardus van Braam Houckgeest (1739-1801) passou a vida a tentar construir fortuna como empreendedor e observador crítico das 'coisas chinesas' enquanto trabalhava pontualmente na Companhia Holandesa das Índias Orientais, em Cantão, nos finais do século XVIII. Apesar de ter vivido com muitos altos e baixos (morreu com 62 anos, pobre, pouco deixando para a sua jovem mulher e para o seu filho ainda bebé), não se pode negar que teve uma vida interessante numa época muito interessante.

O seu espólio está guardado em diversos locais. Nos Arquivos Nacionais em Haia, podemos encontrar os seus escritos pessoais, bem como os do seu irmão, o vice-admirante Jacob Pieter Van Braam; na propriedade do presidente George Washington, em Mount Vernon, está o serviço da China que ofereceu a Martha Washington; e, recentemente, o Rijksmuseum em Amsterdão adquiriu aos seus descendentes americanos alguma mobília chinesa da mansão que construiu para viver nas margens do rio Delaware, após seu regresso à América em 1796, e já destruída. Finalmente, a bela narrativa da missão que empreendeu à corte do imperador Qianlong em 1794-1795 em nome da Companhia Holandesa das Índias Orientais, e que foi publicada em francês em Filadélfia e republicada mais tarde na Europa. Recentemente, o seu bisneto Edward Barnsley escreveu a história familiar de van Braam e dos seus descendentes na América e na Holanda. Este artigo consiste numa *collage* dos documentos existentes nos arquivos holandeses, dos seus próprios escritos e dos diversos materiais que o bisneto conseguiu encontrar em arquivos nos Estados Unidos.

[Autor: Leonard Blussé, pp. 86-95]

O Guarda-Livros e o Sultão. A Primeira Visita Holandesa a Pontianak, 1778

Em 1779, um guarda-livros da Companhia Holandesa das Índias Orientais fez uma visita ao sultão de Pontianak, uma cidade que fora fundada no Bornéu Ocidental apenas alguns anos antes. O guarda-livros, Nicolaas Kloeck, que tinha aspirações literárias, escreveu um extenso relatório sobre a tempestuosa relação que se criou entre si e o sultão. Devido à forma meticulosa como este homem anotou as suas aventuras, é possível realizar uma análise das relações entre um sultanato malaio e o mundo exterior, isto é, os principados vizinhos e os holandeses em Batavia/Jacarta.

[Autor: Jurrien van Goor, pp. 96-112]

O Lugar das Filipinas na Memória da Gesta Castelhana na Ásia nos Inícios do Século XVII. Os Casos de Bartolomé Leonardo de Argensola e de Antonio de Morga

Em 1609, o surgimento, em meios societários distintos, de duas propostas de fixação da memória histórica da presença castelhana em ambiente asiático proporciona-nos uma rara oportunidade para apreciar duas soluções próprias de se equacionar a experiência na Ásia. Na qualidade de base de operações e centro logístico das movimentações castelhanas na Ásia, as ilhas Filipinas assumem uma expressão narrativa incontornável, ainda que a níveis diferenciados, nos discursos de Antonio de Morga e Bartolomé Leonardo de Argensola. O nosso texto visa, justamente, compreender as práticas de inscrição das Filipinas, enquanto experiência historicamente construída, no discurso. Pretendemos, por esta via, determinar soluções divergentes e convergentes de percepcionar o arquipélago enquanto realidade geográfica e política, por um lado, e compreender a operacionalidade destas imagens no contexto da memória da expansão castelhana na Ásia, por outro. Contudo, a função narrativa das Filipinas compreende todo um debate que considera o devir da presença,

não apenas castelhana, mas ibérica na Ásia Oriental e do Sueste. Neste sentido, a escrita do passado incorpora e projecta uma variedade de expectativas e perspectivas de expansão, cuja expressão diferenciada nas duas obras de 1609 permite obter níveis mais complexos de entendimento acerca dos projectos literários que lhes que lhes estão subjacentes.

[Autor: Miguel Rodrigues Lourenço, pp. 113-131]

Hikayat Tanah Hitu: Uma Rara Fonte Local da História dos Séculos XVI e XVII das Molucas

Este artigo analisa e apresenta uma edição de um texto holandês com tradução e introdução de uma rara fonte local da história dos séculos XVI e XVII das ilhas Molucas, nomeadamente a *Hikayat Tanah Hitu* (História de Hitu), escrita pelo líder religioso Rijali em meados do século XVII. Começa com uma breve descrição da riqueza das fontes europeias sobre a história das Molucas naquele período, para destacar que, ao contrário da história, por exemplo, do mundo malaio no período da expansão europeia, verifica-se uma ausência completa de fontes locais, que ofereçam perspectivas não europeias. Posteriormente, apresenta um resumo da introdução do livro, na qual a *Hikayat* é colocada filológica, literária e historicamente no seu contexto. Embora o artigo se depare com muitos elementos dignos de elogio no livro enquanto contributos para uma compreensão menos eurocêntrica da história das Molucas, assinala também algumas deficiências. Estas podem ter sido causadas, por um lado, pela dificuldade com que os editores se depararam em decidir se escreviam para académicos ou para leigos e, por outro, pelo problema que enfrentaram no que se refere à forma de lidar literariamente com um texto que, daquele ponto de vista, ainda permanece largamente um monólito sem contexto.

[Autor: G. L. Koster, pp. 132-142]